**A LEITURA E A ESCRITA SOB A ÓTICA DE UMA CRIANÇA AINDA NÃO ALFABETIZADA**

Mirella Giovana Fernandes da Silva

Universidade do Estado do Rio grande do Norte – UERN. [mirellagiovanaf@hotmail.com](mailto:mirellagiovanaf@hotmail.com)

Carla Michele da Silva

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN.

[carla-1819@hotmail.com](mailto:carla-1819@hotmail.com)

Mariane de Oliveira Nolasco

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. [mariane.nolasco@hotmail.com](mailto:mariane.nolasco@hotmail.com)

**RESUMO**

O presente artigo trata-se de uma pesquisa qualitativa tendo como objetivo identificar o nível de alfabetização e o conhecimento de portadores de textos comuns em nossa sociedade do sujeito entrevistado, que foi uma criança de cinco anos e dois meses de idade ainda não alfabetizada. Para obtenção dos dados foi feita uma entrevista semiestruturada com o sujeito da pesquisa na escola em que o mesmo estuda e posteriormente realizada a análise dos resultados obtidos baseando-se em autores que abordam o tema “leitura e escrita”, buscando assim identificar o nível de alfabetização em que o sujeito se encontrava e seu conhecimento acerca dos portadores de textos presentes em nossa sociedade atual. Portanto, constatamos que a criança entrevistada encontra-se na fase pré-silábica, uma vez que ainda não busca correspondência da escrita com o som, mas já diferencia desenhos de outros signos e também reconhece bem os portadores que fazem parte de seu dia-a-dia.

**Palavras-chave:** Alfabetização. Fase Pré-Silábica. Portadores de texto.

**INTRODUÇÃO**

Tendo em vista as discussões realizadas na disciplina de Alfabetização e Letramento do curso de Pedagogia, Faculdade de Educação, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN acerca da forma como a criança enxerga o mundo antes do processo de alfabetização, desenvolvemos esta pesquisa, considerando a importância desta etapa da vida da criança em que seus saberes e conhecimento de mundo possuem grande relevância.

Portanto, nossa pesquisa tem como abordagem a qualitativa, buscando a interpretação de fenômenos e atribuição de significados (PRODANOV 2013, p. 128) trazendo o relato de uma pesquisa de campo que ocorreu em uma escola do município de Mossoró-RN, rede privada de ensino, em um período de dois dias. A experiência se consistiu, principalmente, na aplicação de um roteiro de entrevista semiestruturada com uma criança de cinco anos e dois meses que se encontra no processo de alfabetização. A pesquisa realizada teve como objetivo identificar o nível de alfabetização e o conhecimento de portadores de textos comuns em nossa sociedade do sujeito entrevistado, que foi uma criança de cinco anos e dois meses ainda não alfabetizada para posterior análise e discussão dos resultados, relacionando assim, com os autores que formam nossa base teórica.

Para conhecer mais sobre o processo da escrita da criança, foram adotados uma série de procedimentos, primeiramente, foram estudados os materiais de autores que discutem as “os níveis da escrita” como: Emilia Ferreiro (2001), Lluís Curto (2000), entre outros, bem como, autores que trazem discussões acerca da leitura e letramento, como por exemplo, Corsino (2003).

Outra referência sobre as fases dos níveis da escrita a que recorremos, para auxílio na hora de realizar a entrevista foi um vídeo produzido pelo Ministério da Educação (MEC) em 2001 que fez parte de um programa de formação de professores alfabetizadores (PROFA)[[1]](#footnote-1). Segundo a Nova Escola (2010), o programa consistia em “um conjunto de entrevistas que vão lhe ajudar a compreender as ideias que as crianças constroem sobre a escrita antes de se tornarem capazes de estabelecer uma correspondência entre partes do falado e partes do escrito.”, isto é, antes da fonetização da escrita.

Além da utilização dos instrumentos supracitados, a pesquisa também se deu pela gravação do áudio da entrevista, em aparelho smartphone, para posterior descrição e análise. Após estudo de todos os suportes que detínhamos, aplicamos os roteiros de entrevista semiestruturada com a criança, sendo que, o primeiro deles consistia na prova do nome próprio e das quatro palavras, e o segundo na identificação dos portadores de texto. Por fim, com base na entrevista realizada e no referencial teórico estudado, analisamos a hipótese de escrita que o entrevistado estava descrevendo rapidamente o porquê de considerarmos que ele está nesta fase, bem como, analisando a capacidade do mesmo de identificação de portadores de texto presentes em nossa sociedade.

**RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Para iniciar os estudos acerca da alfabetização, buscamos em Emília Ferreiro a ideia de que todo conhecimento tem uma gênese, ou seja, um início, e tal ponto de partida se dá nas fases em que os sujeitos vão se desenvolvendo até chegar a alfabetização de fato. Portanto, a primeira coisa que devemos perceber é que as crianças não chegam à escola como folhas em branco, elas são dotadas de conhecimento de mundo e este, por sua vez, é formado a partir das relações que a criança estabelece com sua cultura, ambiente no qual está inserido, estrutura familiar e etc.

[...] Não podemos reduzir a criança a um par de olhos que veem, a um par de ouvidos que escutam, a um aparelho fonador que emite sons e a uma mão que aperta com torpeza um lápis sobre uma folha de papel. Por trás (ou além) dos olhos, dos ouvidos, do aparelho fonador e da mão, há um sujeito que pensa e que tenta incorporar a seus próprios saberes esse maravilhoso meio de representar e recriar a língua que é a escrita, todas as escritas. (FERREIRO, 2012, p.37)

Assim, percebemos que a primeira fase da criança é aquela em que o mundo é representado de forma direta, os símbolos que identificam a realidade são diretamente proporcionais, ou seja, muitas crianças nesta fase utilizam o desenho para “escrever” o que estão vendo, tentando imprimir, ao máximo possível, uma cópia fiel do objeto real. A passagem desta fase para a seguinte se dá de maneira gradativa.

Na segunda fase a criança passa a entender que nem sempre os símbolos utilizados para descrever o objeto real correspondem fielmente ao que elas veem, porém, a criança ainda não tem conhecimento de quais os símbolos que deve-se utilizar na escrita das palavras e se for pedido para que escreva alguma palavra, quase sempre vai utilizar as letras que já conhece, geralmente as de seu nome próprio, para responder o que lhe foi pedido. Denominamos esta fase de pré-silábica.

Chegando na fase silábica, a criança começa a perceber através da escola que na escrita de sua língua falada há uma correspondência entre grafia e som e assim começa-se a escrever tendo por base o som das sílabas. É comum nessa fase que as crianças representem as sílabas que ouvem com apenas uma letra, podendo ter correspondência sonora ou não:

Para explicitar essa concepção, as autoras analisam a escrita infantil e observam que a quantidade de caracteres utilizados pela criança é similar à quantidade de sílabas da palavra; mas nem sempre essas letras têm relação com as sílabas que ela deseja representar. No início, a preocupação maior é com a quantidade de letras, não com o tipo de letra que se usa. Aos poucos, as representações vão se aproximando das letras que formam o nome (por exemplo, para a palavra “boneca”, ela escreve BNC). Nisso consiste a hipótese Silábica. (MOREIRA, 2009, p. 4)

Assim, de forma gradativa as crianças vão se apropriando do conhecimento fonético da linguagem, onde cada letra representa um som e “Quando a criança é capaz de compreender que cada letra da escrita pode representar um fonema, ela se encontra numa hipótese Alfabética.” (MOREIRA, 2009, p. 5)

Portanto, buscando ver na prática toda a teoria estudada, nós realizamos uma entrevista com uma criança de cinco anos e dois meses baseando-nos em um roteiro de entrevista para analisar em qual fase esta criança se encontra, de acordo com os estudos feitos.

PROVA DO NOME PRÓPRIO E DAS QUATRO PALAVRAS.

O primeiro passo que optamos por tomar a início da pesquisa foi o de produzir roteiros de entrevistas semiestruturadas com o auxílio da professora mestra da disciplina de Alfabetização e Letramento do curso de Pedagogia – UERN. O primeiro roteiro que fizemos, intitulado “A prova do nome próprio e das quatro palavras”, consistia, a priori, em estabelecer um diálogo com a criança, fazendo com que ela ficasse à vontade e confortável em nossa presença, para responder os questionamentos seguintes.

Após esse primeiro momento, deveríamos iniciar a entrevista entregando a ela cartões com o nome de 3 crianças incluindo o dela, para que identificasse qual era o seu, em seguida pedir para que a criança escreva o seu nome. Posteriormente deveríamos ditar para ela quatro palavras de mesmo valor semântico, sendo uma palavra polissílaba, outra trissílaba, dissílaba e monossílaba, e formularíamos uma frase utilizando uma dessas palavras. Ao terminar a escrita, teríamos que fazer algumas perguntas para o entrevistado como, por exemplo, “De quantas letras precisará para escrever a palavra?” e “Como se lê essa palavra?”.

Portanto, após a produção dos roteiros, para iniciarmos nossa pesquisa, escolhemos uma escola privada do município de Mossoró-RN, da qual nos chamou atenção a turma de NIVEL IV. Ao visitarmos a escola fomos bem recebidas pela professora, explicamos o intuito de nossa visita e ela nos encaminhou para um aluno de sua turma para que pudéssemos realizar a entrevista. Assim, o sujeito de nossa pesquisa é um menino de cinco anos e dois meses estudante da rede privada de ensino, simpático e extrovertido que se familiarizou conosco rapidamente.

Dirigimo-nos à biblioteca da escola e iniciamos uma conversa com a criança, que pareceu um pouco tímida de início, mas que foi sentindo-se mais confortável ao decorrer da conversa. Dialogamos sobre a escola, a professora, os colegas, a família dele, bichos de estimação e caminhões. Durante a conversa, apresentamos a ele três cartões, um escrito “Davi”, outro escrito “Higor” e outro “Heitor” (nome da criança) e pedimos que ele pegasse o cartão que estava escrito seu nome, nos primeiros trinta segundos, ele pareceu ficar em dúvida entre os dois cartões escritos “Higor” e “Heitor”, mas logo depois conseguiu identificar o seu nome. A escolha dos dois nomes semelhantes foi proposital, para que a criança observasse atentamente e perceba que embora parecidos, existem detalhes nos nomes que os caracterizam diferentes, como afirmam Beluzo e Fagaro (2016):

Além disso, podem refletir sobre o sistema da escrita comparando com o nome dos outros colegas para checar suas inferências, utilizando seus conhecimentos prévios sobre quais letras deverá utilizar para escrever aquele determinado nome e, por fim, selecionar o correto para marcar. (BELUZO e FAGARO, 2016, p. 11)

Em seguida, oferecemos a ele uma caneta hidrográfica preta e pedimos que ele escrevesse, em uma folha de papel em branco, o seu nome, ele pareceu confiante e conseguiu escrevê-lo de forma clara, legível, sem faltar nenhuma letra, nem invertê-las:

**Figura 1 –** Nome próprio

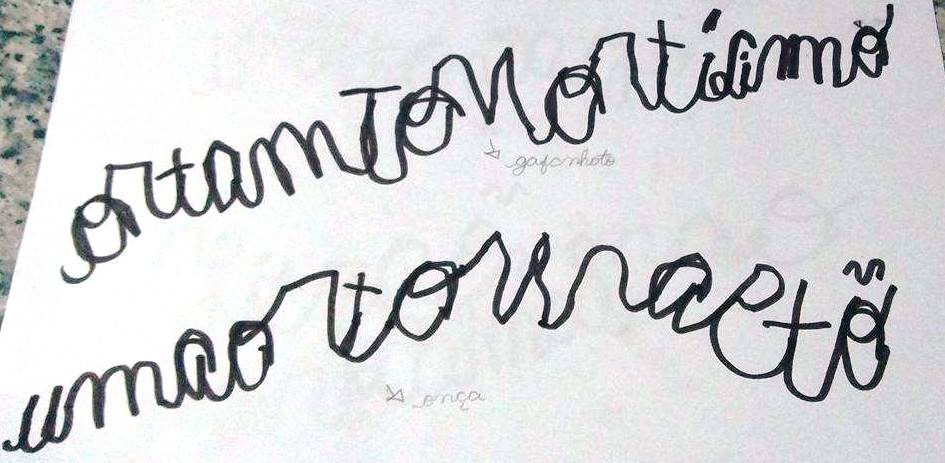
NOME PROPRIO

Fonte: Autor

Após a escrita do nome próprio, começamos a conversar sobre animais, perguntamos a Heitor se ele gostava de animais e qual era o seu preferido, ele nos contou que gostava de cachorros e pedimos que ele escrevesse no papel a palavra “cachorro”, porém, nesse momento, ele pareceu se sentir desconfortável e relatou que não sabia escrever, insistimos para que ele escrevesse do “jeitinho dele”, e depois de alguns minutos ele começou a escrever uma sequência de letras e acentos, quando terminou perguntamos o que ele tinha escrito e a resposta foi “cachorro”.

Prosseguimos com o roteiro de entrevista e ao longo da conversa, fomos perguntando se ele gostava de outros animais e pedimos para que ele escrevesse as outras três palavras “gafanhoto, sapo e boi”. Depois que escreveu “cachorro” e não recebeu nenhuma repreensão, Heitor pareceu confortável para continuar escrevendo e não disse mais que não sabia escrever, mas o fez livremente, e além dessas três, ele também falou que iria escrever “onça”. Na escrita das novas palavras, o processo foi o mesmo de “cachorro”, ele escreveu uma sequência de letras e acentos, indo do início do papel até o final.

**Figura 2 –** Escrita de gafanhoto e onça



Fonte: autor

Este último fato já nos dá uma dica de que Heitor está no nível pré-silábico uma vez que é característica deste nível o não controle da quantidade de letras utilizadas e a utilização de toda extensão da página:

As crianças após terem construído o conceito de que para escrever se usam signos especiais, escrevem em quantidade não correspondente às palavras, usam muitos signos, alternam a quantidade, o repertório e posição das letras, pode ocorrer de utilizarem toda a largura da página (Portal da Educação, sem ano)

Depois de escrever as quatro palavras, foi a vez de escrever a frase, escolhemos a palavra dissílaba “sapo” e com ela formulamos a frase: “O sapo caiu na lagoa” e ele começou a escrever uma sequência de letras como das outras vezes, com exceção de um pequeno espaço entre elas, formando assim, duas grandes “palavras”. Durante a escrita da frase, perguntamos a ele quantas letras ele iria utilizar para escrever a frase, e ele respondeu “Dez”, ao final, pedimos para que lesse o que havia escrito e ele disse que não sabia ler, pedimos para que ele nos dissesse o que tinha feito no papel, mostrando com o dedo onde estava cada palavra e ele respondeu “sapo, lagoa”, apontando duas vezes para o que tinha escrito.

Ao analisarmos a entrevista feita com a criança, primeiramente percebemos que ela utiliza como referência a letra inicial de seu nome para identifica-lo, uma vez que ao colocarmos cartões com o seu nome e o nome de outra criança com a mesma letra inicial, ele pareceu ficar confuso em qual seria o seu, mas que no fim, ele conseguiu reconhecê-lo e fazer distinção com o nome da outra criança. Na hora de escrever o nome próprio, Heitor o fez de forma clara, sem omitir nenhuma letra, nem invertê-las.

Ao analisar as quatro palavras, percebemos que a grafia da criança entrevistada não está relacionada ao som convencional das letras, com exceção do nome próprio.

**Figura 3 –** Nome próprio e sapo

NOME PROPRIO



Fonte: autor

Ao escrever as palavras dos animais, ele utiliza letras aleatórias, sendo que a grande maioria das letras que ele utiliza estão presentes em seu próprio nome, o que também é muito comum para a fase pré-silábica, de acordo com Moreira (2009):

No entanto, a criança ainda não sabe qual símbolo usar para representar o que ela quer. Em geral, se for pedido que ela escreva, escreverá as letras que já conhece (quase sempre as letras do seu nome), indistintamente. Convencionou-se denominar essa hipótese como Pré-Silábica. (MOREIRA, 2009, p. 3)

Também percebemos que Heitor não faz relação do tamanho da palavra com o tamanho do animal real, uma vez que, “gafanhoto” e “onça” têm quase o mesmo tamanho. Heitor também não distingue as sílabas das palavras na hora de escrever, faz tudo junto e na hora de dizer o que escreveu, só bate uma vez com o dedo na folha.

Portanto, a partir das pesquisas bibliográficas e da entrevista feita, assumimos que a criança entrevistada está na fase pré-silábica dois, pois, demonstra intenção de escrever através de traçado linear, e entende que palavras diferentes necessitam de grafias diferentes, invertendo a ordem das letras nas palavras para fazer a distinção entre elas, mas utilizando quase sempre, as letras de seu próprio nome. Nesta fase, Heitor ainda não faz correspondência sonora com o que escreve, e as palavras escritas por ele, possuem uma significação individual, somente ele pode entender o que escreve:

Nível 1 – Fase Pré-Silábica: Nesta fase, a criança usa os mesmos sinais gráficos para escrever tudo que deseja. b) Pré-silábica dois: Nesta subfase a criança já descobriu que coisas diferentes têm nomes diferentes. Assim, ela imprime diferenças nas grafias das palavras, às vezes, apenas mudando, a ordem das letras, quando possui poucos recursos gráficos. (FERREIRO, apud OLIVEIRA, 2009, p. 53).

Sabemos que ele já não está na fase um, pois utiliza signos diferentes na escrita de cada palavra, claramente distingue desenhos da escrita, e também já passou da fase de utilizar rabiscos e pseudoletras na tentativa de escrever. Heitor consegue diferenciar as letras e os números, não utilizando nenhum para escrever as palavras propostas, também diferencia as palavras pela ordem das letras, pela quantidade e variedade, mas ainda não chegou à fase da escrita silábica, onde, de acordo com Curto (2000) cada sílaba é representada por uma letra ou uma grafia, podemos ver quando ele escreve “sapo” e “boi”, respectivamente:

**Figura 4 –** Sapo e boi



Fonte: autor

Podemos ver a partir do exemplo acima que a criança entrevistada não está ainda na fase silábica, uma vez que ainda não faz correspondência entre o oral e o escrito, nem busca representar cada sílaba falada com um signo, o que são características da fase silábica, como afirma Ferreiro (2009):

Nível 2 - Fase Silábica: Nesta fase a criança trabalha com a hipótese de que a escrita representa partes sonoras da fala, de modo que para ela cada segmento oral corresponde a um segmento escrito. Nível 3 - Fase Silábica Alfabética: Esta fase apresenta-se como uma transição entre a anterior, silábica, e a posterior, alfabética. Nível 4 – Fase Alfabética: É a escrita considerada correta, onde são colocados os fonemas de acordo com as normas da Língua Portuguesa (FERREIRO, apud OLIVEIRA, 2009, p. 53).

O segundo roteiro de entrevista que desenvolvemos consiste no estudo sobre os portadores de textos, cujo objetivo é de compreender a concepção da criança entrevistada, dos portadores de texto que existem em nossa sociedade. A proposta é de levarmos dez portadores de textos e apresentarmos à criança, pedindo que ela pegue e entregue-nos determinado portador de texto quando solicitado, para assim percebermos se ela consegue identifica-lo, em seguida fazer perguntas como “Como você sabe que isto é um.,.”, “Para que serve?”, “O que você acha que está escrito nele?” e “Na sua opinião, para que serve ler e escrever?”.

Iniciamos esta entrevista no segundo dia da pesquisa, com a mesma criança da entrevista anterior, levamos os dez portadores de textos, que eram: uma embalagem de salgadinho Cheetos, uma embalagem de Biscoito Wafer de Limão, um cartão do parque de diversões de um shopping de Mossoró-RN, um encarte de supermercado, uma nota de dois reais, uma bula de remédio, um livro de literatura adolescente, uma conta de luz, um rótulo de leite Ninho e um receituário médico. Expomos todos estes portadores de textos na frente da criança e em seguida começamos os questionamentos.

É válido ressaltar que o conhecimento dos portadores de textos presentes em nossa sociedade pela criança é de extrema importância para que ela atribua sentido à alfabetização, uma vez que a mesma estará em contato com a leitura no seu dia-a-dia e saberá que ela tem utilidade prática, além de facilitar assim a aprendizagem da leitura e escrita, como afirma Santos (2012):

É necessário que a criança conheça a funcionalidade da escrita, a sua utilidade prática, suas possibilidades de uso no dia-a-dia, seja para informar, auxiliar a memória ou para divertir. Dessas experiências dependerá seu nível de conceituação da língua escrita, o que tornará mais fácil o seu processo de aquisição. (SANTOS e CASTRO, 2012, p. 3)

Primeiramente pedimos que a criança nos desse o rótulo de leite Ninho que prontamente pegou e nos entregou, perguntamos como ele sabia que esse era o rótulo de leite Ninho ao que respondeu: “sei porque tomo o leite antes de dormir e minha mãe fala que é o leite Ninho”, em seguida, pedimos que a criança nos entregasse a bula de remédio, ao primeiro momento houve certa resistência e ele pareceu não entender o que queríamos, nós repetimos e ele correu os olhos e os dedos sobre todos os portadores de texto, mas disse que não sabia qual daqueles era o que havíamos pedido. Pedimos então que nos fosse entregue a embalagem de salgadinho e rapidamente nos entregou, perguntamos como ele sabia que aquele era o salgadinho o que foi respondido com “sei porque eu como isso quase todo dia na escola e eu gosto”, perguntamos o que estava escrito na embalagem e a criança, percorrendo com os dedos a palavra “Cheetos”, leu “xi-li-to”.

Percebemos aqui que Heitor reconhece muito bem os portadores que fazem parte de seu cotidiano e sabia o nome real de um deles porque a mãe o dizia para ele. É importante ressaltar aqui que é desta forma que a criança tem seu primeiro contato com o letramento, ou seja, o uso da leitura e escrita em seu cotidiano, e o quão importante é a ajuda da família neste processo, em que a criança ainda não se apropriou da habilidade de ler e escrever, como também ressalta Santos (2012):

Há de se ter em vista, portanto, a necessidade de preparar a criança para fazer uso social da leitura e da escrita. Além de a criança dominar a técnica, conhecer a função e a utilidade da escrita, deve, ainda, explorar o seu significado. Para isso, a participação da família é muito importante, tanto no que diz respeito aos costumes que a criança já possa ter adquirido ao presenciar o uso dos portadores de texto, quanto ao apoio e cobrança por parte dos seus pais ou responsáveis às atividades escolares. (SANTOS e CASTRO, 2012, p. 3)

Ainda na entrevista, pedimos para que Heitor nos dissesse, dentre aqueles que tínhamos levado, os objetos que ele conhecia, ele respondeu que conhecia o biscoito de limão, o salgadinho, o leite Ninho, o dinheiro e o livro, para encerrar questionamos ao sujeito “Para que serve ler e escrever?” e após um pequeno momento de confusão e negação da resposta sobre a afirmação de que não sabia, o sujeito responde “para escrever os nomes e para ler as coisas que tem na rua”.

Ao finalizarmos esta segunda entrevista, concluímos que Heitor conhece somente os portadores de texto que estão em seu cotidiano e os que ele identificou melhor e mais rápido, foram aqueles que ele gosta, como por exemplo, o leite Ninho, e o salgadinho. Para identificar os portadores de texto, percebemos que Heitor recorreu ao formato, a cor e a familiaridade que ele tinha com o mesmo.

Portanto, constatamos que julgar que as crianças não alfabetizadas não fazem uso da leitura é pensar erroneamente. Corsino (2003) afirma que:

O letramento é um processo que tem início nos primeiros contatos da criança com a cultura letrada e tende a se estender ao longo de sua vida. Muito antes de levantar hipóteses sobre como se escreve, ao participar de eventos de letramento interagindo com diferentes textos, a criança começa a entender o que, por que, para que se escreve. (CORSINO, p. 46).

Sendo assim, o processo de aquisição da leitura pelas crianças começa a partir do momento que elas fazem as suas primeiras leituras de mundo, momentos esses que ocorrem no dia a dia delas, quando abrem um livro e interpretam o ato de ler, quando ouvem histórias e usam de sua imaginação para recontar, ou quando fazem leitura visual de um objeto por ser do seu convívio.

A partir da obra de Corsino (2003) vemos que Heitor, embora não esteja alfabetizado, consegue fazer uso da leitura para reconhecer os portadores de textos apresentados a ele, e os que ele não sabia, tentava imaginar e compreender para que serviam. Nessa perspectiva, Barbato apud. Muniz e Mitjánz (2013) evidencia que a ação de imaginar das crianças é um elemento utilizado por elas como parte das estratégias que desenvolvem quando estão no processo de aquisição da leitura e da escrita.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir da pesquisa feita e dos textos estudados, percebemos que a escrita da criança não alfabetizada acontece de forma gradativa, passando por etapas e avançando níveis. Ao ler as obras que forjam nossa base teórica, constatamos que em um primeiro nível, a criança utiliza muito de sua imaginação para escrever ou descrever uma palavra, fazendo uso de desenhos e signos que são entendidos apenas por elas mesmas, com o amadurecimento e a inserção delas no mundo das letras, as crianças acabam por substituir os desenhos e os signos pelas novas letras aprendidas, porém ainda sem valor sonoro e com significação individual.

Passando para terceira fase da aquisição da linguagem escrita, as crianças passam a escrever as palavras representando cada sílaba por uma letra, havendo correspondência sonora com as palavras e a escrita até chegar à fase alfabética onde há uma escrita correta, de acordo com as normas da Língua Portuguesa. Na parte prática do presente relatório, a pesquisa de campo e o roteiro de entrevista semiestruturada nos permitiu vislumbrar a conceituação teórica que estudamos com os autores, associando a teoria estudada à prática. Os instrumentos que utilizamos nos permitiu identificar qual nível de alfabetização a criança entrevistada está. Por fim, a pesquisa foi concluída de maneira satisfatória e atendeu aos objetivos propostos no início da atividade, de investigar a hipótese silábica de uma criança não alfabetizada e de analisar como ela identifica portadores de textos presentes em nossa sociedade.

Para nós, alunas do curso de Pedagogia, a pesquisa foi de grande relevância. Apesar de ser um processo complexo, a aquisição da leitura e escrita pelas crianças, revelou-se encantadora, um mundo de descobertas, conhecer e vivenciar o processo de aquisição da leitura e da escrita enquanto graduandas enriqueceu a nossa caminhada na graduação, compreender todas as etapas desse processo nos permite perceber que cada criança tem o seu ritmo, e que todas irão passar por todas as fases, e que nós, enquanto educadores, podemos ser mediadores deste caminho, conduzindo-as, mas respeitando cada etapa de aquisição da leitura e escrita.

**REFERÊNCIAS**

BELUZO, Amanda Ferreira. FAGARO, Alessandra Corrêa. **O trabalho com o nome próprio na Educação Infantil.** Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade, Bebedouro-SP, 3 (1): 100-118, 2016.

CORSINO, Patrícia. **Infância, linguagem e letramento: educação infantil na rede municipal de ensino do Rio de Janeiro** / Patrícia Corsino. – Rio de Janeiro: PUC, Departamento de Educação, 2003.

CURTO, Lluís Maruny. **Escrever e ler: como as crianças aprendem e como o professor pode ensiná-las a escrever e ler.** / Lluís Maruny Curto, Maribel Ministral Morillo e Manuel Miralles Teixidó; trad. Ernani Rosa. – Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

FERREIRO, Emilia. **Reflexões sobre a alfabetização.** / Emilia Ferreiro: Tradução Horácio Gonzales (et. al.), 24. Ed. Atualizada – São Paulo: Cortez, 2001 – (Coleção Questões da Nossa Época; v. 14).

\_\_\_\_\_\_. **Passado e presente dos verbos ler e escrever /** Emília Ferreiro; tradução Claudia Berliner – 4. Ed. – São Paulo: Cortez, 2012. – (Coleção questões da nossa época; vol. 38).

MUNIZ, Luciana Soares. MITJÁNZ, Albertina Martinez. **A aprendizagem da leitura e da escrita: análise da produção científica**. 2013. Disponível em: [file:///C:/Users/mirel/AppData/Local/Packages/Microsoft.MicrosoftEdge\_8wekyb3d8bbwe/TempState/Downloads/3273-12895-3-PB%20(1).pdf](file:///C:\Users\mirel\AppData\Local\Packages\Microsoft.MicrosoftEdge_8wekyb3d8bbwe\TempState\Downloads\3273-12895-3-PB%20(1).pdf). Acesso em: 14 de Outubro de 2018.

NOVA ESCOLA**, Construção da escrita: primeiros passos - parte 1.** 2010. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/3673/construcao-da-escrita-primeiros-passos-parte-1>. Acesso em: 09 de Maio de 2017

OLIVEIRA, Fabiane Lopes de. **O processo de leitura e escrita e suas implicações na aprendizagem dos alunos.** 2009. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/2946_1789.pdf> Acesso em: 09 de Maio de 2017.

PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico] : métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico** / Cleber Cristiano Prodanov, Ernani Cesar de Freitas. – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SANTOS, Antônia Tatiana Sales dos. CASTRO, Maria Lúcia Souza. **Contribuição dos portadores textuais para a aquisição da escrita.** 2012. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wp-content/uploads/2014/06/volume_2_artigo_036.pdf>. Acesso em: 01 de Outubro de 2018

TEBEROSKY, Ana. COLOMER, Teresa. **Aprender a ler e a escrever, uma proposta construtivista.** Artmed, 2008.

1. Construção da Escrita: Primeiros passos <https://www.youtube.com/watch?v=NCo5ybibn5Q&t=104s> [↑](#footnote-ref-1)